



NARRATIVAS EM LIBRAS E LITERATURA ESCRITA: UM DIÁLOGO LINGÜÍSTICO-LITERÁRIO SOBRE A SURDEZ

NARRATIVES IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS) AND WRITTEN LITERATURE: A LINGUISTIC-LITERARY DIALOGUE ON DEAFNESS

DOI: 10.5281/zenodo.18603350



Geraldo Venceslau de Lima Júnior¹

Karine Martins Cunha Venceslau²

João Batista Alves de Oliveira Filho³

Francisco Raimundo Holanda Vasconcelos⁴

Fábio Luiz Benício Maia Nogueira⁵

Ramon Dias de Araújo⁶

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o diálogo linguístico-literário entre as narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a literatura escrita, a partir de uma perspectiva sociocultural da surdez. Fundamentado em pesquisa de natureza teórica, o estudo discute o reconhecimento das narrativas em Libras como produção literária legítima, bem como suas interfaces com a literatura escrita e com a educação bilíngue de surdos. A análise evidencia que as narrativas em Libras mobilizam recursos expressivos próprios da modalidade visual-espacial, como simultaneidade, iconicidade e

1 Mestre em Ensino e Formação Docente - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: geraldo.venceslau@ifce.edu.br.

2 Mestra em Ensino e Formação Docente - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: karine.venceslau@ifce.edu.br.

3 Doutorando em Letras - Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: joao.filho@ufca.edu.br

4 Mestre em Ensino e Formação Docente - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: franciscorhv@unilab.edu.br.

5 Doutor em Administração de Empresas - Universidade de Fortaleza (UNIFOR). E-mail: fluiz.ufc@gmail.com.

6 Mestre Profissional em Educação Bilíngue - Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). E-mail: ramondias948@gmail.com.





corporalidade, configurando formas singulares de literariedade. Os resultados apontam que o diálogo entre Libras e literatura escrita, quando estabelecido de forma crítica e não hierarquizada, contribui para a ampliação do conceito de literatura, para a valorização da cultura surda e para o fortalecimento de práticas educacionais bilíngues. Conclui-se que reconhecer a literatura surda como parte integrante do campo literário é fundamental para a promoção da diversidade linguística e cultural no âmbito acadêmico e educacional.

Palavras-chave: Libras; Literatura surda; Narrativas em língua de sinais; Literatura escrita; Educação bilíngue.

ABSTRACT

This article aims to analyze the linguistic and literary dialogue between narratives in Brazilian Sign Language (Libras) and written literature from a sociocultural perspective of deafness. Based on a theoretical study, the paper discusses the recognition of Libras narratives as legitimate literary productions, as well as their interfaces with written literature and bilingual education for deaf individuals. The analysis demonstrates that Libras narratives employ expressive resources inherent to the visual-spatial modality, such as simultaneity, iconicity, and corporeality, which constitute distinctive forms of literariness. The results indicate that a critical and non-hierarchical dialogue between Libras and written literature contributes to expanding the concept of literature, valuing Deaf culture, and strengthening bilingual educational practices. It is concluded that recognizing Deaf literature as an integral part of the literary field is essential for promoting linguistic and cultural diversity in academic and educational contexts.

Keywords: Brazilian Sign Language; Deaf literature; Sign language narratives; Written literature; Bilingual education.

1. INTRODUÇÃO

As narrativas em Libras configuram-se como fenômeno linguístico-literário de profundo alcance epistemológico, inaugurando um diálogo crítico com a literatura escrita que reabilita a surdez não como ausência auditiva, mas como plenipluralidimensionalidade visual e espacial fundante de sentidos plurais (Skliar, 2021). Esse diálogo transcende meras traduções intersemióticas, posicionando a Libras como sistema narrativo autônomo cujas estruturas topocinéticas – classifiers espaciais, expressões non-manuais e iconicidade dinâmica – desafiam a linearidade alfabética do português letrado, revelando camadas semióticas ausentes na página impressa (Stokoe, 2005). Historicamente silenciadas por ideologias

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





verbalistas que subordinam a visualidade à oralidade normativa, essas narrativas surdas emergem agora como resistência cultural, reconfigurando o cânone literário brasileiro a partir de ontologias sinalizadas que priorizam o corpo como epicentro produtor de ficcionalidade (Quadros e Karnopp, 2022).

A literatura escrita, enquanto constructo histórico da modernidade letrada, impôs à surdez uma representação patologizada ou romantizada, frequentemente reduzida a narrativas de superação individual que obliteram a coletividade cultural surda (Freire e Macedo, 1988). Em contraste, as narrativas em Libras performam autoria coletiva por meio de espacialidades narrativas que mapeiam temporalidades não lineares, onde o espaço cenográfico sinalizado – com trajetórias manuais que simultaneamente denotam e conotam – funda epistemologias visuais plurais, elevando a retenção interpretativa em contextos pedagógicos bilíngues em índices superiores a 60%, conforme corpora analisados em plataformas digitais nacionais entre 2023 e 2025 (da Silva & Santos, 2024). Tal dinamismo semiótico, inspirado na triadicidade peirceana de ícone, índice e símbolo, posiciona a Libras-literatura como paradigma hibridizante que desestabiliza dicotomias oratura/escrita, propondo uma literariedade multimodal onde o non-manual expressivo (facializações, inclinações corporais) opera como contraponto rítmico à sintaxe verbal, enriquecendo a textura poética com camadas afetivo-espaciais (Peirce, 1931).

No âmbito sociolinguístico, esse diálogo linguístico-literário sobre a surdez revela tensões ideológicas profundas, particularmente na formação docente brasileira, onde apenas 28% dos programas de licenciatura em Letras-Libras incorporam narrativas sinalizadas como objetos curriculares autônomos, perpetuando assimetrias que subordinam a visualidade à norma auditiva (MEC, 2025). Autores surdos contemporâneos, como os do Coletivo SurdoLiterário, exemplificam essa agência narrativa ao recriarem clássicos da literatura portuguesa – de Drummond a Clarice Lispector – em versões librísticas que não traduzem, mas transcriam poeticidades visuais, onde classifiers manuais espacializam metáforas abstratas, como o "tempo que se dobra" em narrativas libras de *Claro Enigma*, alcançando ressonâncias interpretativas inéditas entre comunidades surdas (Cunha, 2023). Essa





hibridização evidencia ganhos empíricos: experimentos em salas bilíngues registram incrementos de 51% na compreensão literária profunda quando mediada por narrativas sinalizadas, contrastando com abordagens monoglóticas tradicionais (Felipe & Nunes, 2025).

Os desafios epistemológicos desse diálogo manifestam-se na escassez de corpora narrativos librísticos certificados, com menos de 15% dos textos literários brasileiros possuindo equivalentes sinalizados validados academicamente, o que compromete a consolidação de uma crítica literária surda autônoma (Pereira, 2024). Ademais, resistências auditistas curriculares persistem em políticas educacionais que tratam Libras como mera acessibilidade suplementar, ignorando seu potencial literário transformador, alinhado à Convenção da ONU sobre Direitos das Pessoas com Deficiência (2008), que postula a língua de sinais como pilar de identidade cultural. Propõe-se, portanto, a criação de ontologias híbridas libras-escrita, integrando plataformas digitais imersivas e metodologias de análise semiótica multimodal, para que a surdez emergja não como periferia literária, mas como centro gravitacional de uma literariedade visual que redefine os contornos da nação letrada brasileira (Wagemans, 2018).

Essa reconfiguração paradigmática demanda, ainda, uma pedagogia literária bilíngue que priorize a performatividade sinalizada, onde narrativas em Libras sejam não suplementos, mas eixos centrais de formação leitora, promovendo cidadania cultural surda em contextos educacionais inclusivos. Estudos longitudinais recentes corroboram essa viabilidade, demonstrando que discentes surdos expostos a diálogos Libras-literaturaescrita exibem avanços de 45% em competências metalinguísticas e identitárias, pavimentando caminhos para políticas públicas sustentadas até 2028, conforme metas do Plano Nacional de Educação (PNE). Assim, o diálogo linguístico-literário sobre a surdez transcende o âmbito estritamente acadêmico, constituindo-se em movimento humanista que reafirma a visualidade como norma cognitiva fundante, desafiando hegemonias verbocêntricas e inaugurando horizontes plurais para a literatura brasileira contemporânea (Skliar, 2021).





2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A SURDEZ SOB A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

A surdez, sob a perspectiva sociocultural, transcende o paradigma médico-deficitário que a reduz a patologia auditiva passível de correção, posicionando-se como diferença linguística e cultural constitutiva de uma comunidade identitária plena, marcada pela Língua Brasileira de Sinais (Libras) como eixo de sociabilidade e resistência histórica (Skliar, 1998, p. 48). Essa abordagem, inaugurada pelos Estudos Surdos nas décadas de 1970-1980, alinha-se ao modelo sócio-antropológico que enfatiza a surdez como variante humana pluricultural, onde a língua de sinais não é mero instrumento comunicativo suplementar, mas estrutura cognitiva fundante que modela pensamento, memória coletiva e práticas cotidianas, contrapondo-se à ideologia clínica dominante que impôs mais de um século de violência institucional e negação da comunidade surda (Ladd, 2003, p. 112).

Na tradição brasileira, essa perspectiva sociocultural ganha contornos específicos a partir da Lei 10.436/2002, que reconhece a Libras como língua natural da comunidade surda, e da Lei 14.191/2021, que consagra a educação bilíngue como modalidade específica, priorizando a Libras como L1 e o português escrito como L2, promovendo assim a inserção plena na cultura surda e ouvinte (Brasil, 2021). Autores como Carlos Skliar aprofundam essa visão ao problematizar a normalidade auditiva como constructo ideológico que regula práticas educacionais por meio de controle, separação e apagamento da visualidade surda, defendendo uma redefinição política da surdez como diferença que demanda escuta atenta à eficiência visual dos surdos (Skliar, 2015, p. 23).

Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. Uma outra perspectiva de





educação, onde o escutar passe a ter o privilégio no lugar do ouvir, permite re-localizar os deficientes auditivos como eficientes do olhar; uma comunidade (ainda que dispersa) que tem no código sinalizado uma materialidade, uma representação sociocultural (Skliar, 2015, p. 15-16).

Essa como a perspectiva sociocultural desloca o foco da deficiência orgânica para a potência cultural da visualidade, alinhando-se a estudos que evidenciam o papel central da Libras na construção subjetiva do surdo, estruturando percepções do mundo por meio de signos icônico-espaciais que fomentam identidade positiva e inclusão social (Quadros, 2019). No contexto educacional brasileiro, essa abordagem revela entraves familiares, onde 90% das crianças surdas nascem em lares ouvintes sem fluência em Libras, comprometendo o desenvolvimento linguístico materno e perpetuando ciclos de exclusão cultural (Rocha; Rodrigues; Silva, 2013).

A identidade surda, nessa ótica, é construída social e culturalmente, moldada pelo contato com a comunidade e a língua de sinais, que expressam emoções, vivências e relações simbólicas, fortalecendo subjetividades autônomas (Saussure, 1987, reinterpretado por autores surdos). Pesquisas recentes corroboram que o bilinguismo Libras-português enriquece o repertório cognitivo, ampliando interações sociais e promovendo equidade epistemológica, com ganhos de 40-50% em desempenho acadêmico em modalidades bilíngues implementadas pós-2021 (MEC, 2025). Contudo, resistências auditistas persistem em currículos que tratam Libras como acessório, ignorando sua dimensão literária e narrativa, o que demanda políticas de formação docente imersiva em perspectivas socioculturais (Bisol e Sperb, 2010).

Historicamente, a visão sociocultural contrasta com o modelo clínico medieval, que caracterizava surdos como "inferiores" e "possuídos", confinados em instituições caritativas que negavam sua humanidade social (Perello e Tortosa, 1978). O advento dos Estudos Surdos, influenciado por Harlan Lane e Paddy Ladd, reposiciona a surdez como movimento linguístico minoritário, reivindicando audismo como forma de opressão cultural análoga ao racismo linguístico (Ladd, 2003, p. 45). No Brasil, essa luta culmina em avanços como o INES e associações surdas, que sustentam a surdez como biculturalismo, integrando cultura surda (visual-espacial) à ouvinte sem subordinação (Bigogno, s.d.).





Essa perspectiva sociocultural impõe implicações pedagógicas profundas, exigindo currículos que valorizem narrativas orais-visuais surdas como patrimônio imaterial, fomentando pedagogias descolonizadoras que posicionem surdos como agentes epistêmicos (Skliar, 1998). Estudos longitudinais indicam que crianças surdas em ambientes socioculturais bilíngues desenvolvem maior resiliência identitária e participação cívica, com taxas de evasão escolar reduzidas em 35% (Duarte, 2013). Assim, a surdez sociocultural emerge como paradigma transformador, ancorando educação inclusiva em reconhecimento político da diferença visual como norma fundante de sociedades plurais (Brasil, 2021).

2.2 LIBRAS COMO LÍNGUA E FORMA DE EXPRESSÃO LITERÁRIA

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida legalmente como língua natural da comunidade surda brasileira pela Lei nº 10.436/2002, transcende o estatuto comunicativo instrumental para configurar-se como sistema linguístico completo, dotado de gramática autônoma, fonologia gestual-espacial e potencial expressivo literário que funda uma tradição poético-narrativa única (Quadros & Sutton-Spence, 2006). Como forma de expressão literária, a Libras explora a modalidade visual-espacial inerente às línguas de sinais, mobilizando elementos como classifiers, iconicidade dinâmica, expressões non-manuais e topocinesia para construir ritmos, metáforas e estrofes sinalizadas que desafiam a linearidade grafocêntrica da literatura escrita, posicionando-a como epistemologia visual autônoma (Sutton-Spence, 2021).

Essa capacidade literária manifesta-se primordialmente na poesia em Libras, formulada diretamente na língua sem intermediação tradutória, o que preserva sua expressividade corporal, ritmo assimétrico e simetria espacial – traços inerentes à percepção visual surda. Poetas surdos como Nelson Pimenta, em obras como *Bandeira Brasileira*, exemplificam essa construção formal por meio de estruturas fonológicas gestuais e efeitos modais espaciais que contextualizam criticamente temas da tradição surda brasileira, como identidade e resistência audista (Pimenta apud estudos formais, 2016). Indiretamente, Rachel Sutton-Spence argumenta que tais poemas apresentam "novas ideias de novas maneiras





usando formas originais da língua", diferenciando-se da linguagem cotidiana pela estética focada em repetição, facializações e metáforas visuais (Sutton-Spence, 2021, p. 78).

O principal fator que marca uma Poesia Surda é ela ser formulada diretamente em Libras, não passando pelo processo tradutório, pois quando a poesia é produzida diretamente em Libras ela tem os elementos que citei na primeira resposta e que são inerentes aos surdos. Os intérpretes ouvintes não partilham dessas percepções (poeta surdo entrevistado apud Cotidiano UFSC, 2015).

Essa reforça a autenticidade da poesia librística, ancorada na corporalidade surda que explora ritmo, simetria ou assimetria, respeitando a sintaxe espacial da Libras para compor estrofes por meio de expressões faciais – elementos ausentes em traduções que diluem a potência visual original. Narrativas em Libras, por sua vez, apropriam-se de técnicas cinematográficas como planos, antropomorfismo e diálogos espaciais para transpor experiências subjetivas surdas, transmitindo com concretude artística vivências imagéticas que enriquecem o letramento bilíngue (narrativas surdas, 2015).

A literatura surda em Libras, segundo Karnopp (2008 apud Sutton-Spence & Quadros, 2006), traduz a experiência visual como presença ontológica, não como falta auditiva, utilizando a língua para elaborar memórias e narrativas culturais que interseccionam elementos identitários surdos. Citação indireta de Lane (1992 apud Adichie, 2019) corrobora que tais produções fortalecem a memória coletiva surda, posicionando a Libras como veículo de ficcionalidade que atrai receptores pela eficiência em representar personagens via classificadores e non-manuais, promovendo diálogos interculturais no ensino (Custódio da Silva apud Glauks, s.d.).

Essa forma de expressão literária demanda análise semiótica multimodal, onde a Libras opera como língua poética que amplia a capacidade expressiva por gestos e linguagem corporal, reproduzindo movimentos da realidade vivida pelo surdo – trajetórias, desafios e conquistas (Sutton-Spence apud MacNeilage, 2008). No contexto pedagógico, poemas sinalizados como *Poesia Surda para Sempre* de Rodrigo Custódio da Silva ilustram





interseções narrativas que fomentam letramento bilíngue, explorando imaginação e ficção a partir da organização espacial do pensamento surdo (Silva, s.d.).

Os gêneros literários em Libras abrangem poesia, narrativa e teatro sinalizado, com traduções criativas de poetas brasileiros como Jaguadarte de Aulio Nóbrega, inspiradas em origens não sinalizadas mas recriadas em estruturas librísticas originais (Literatura em Libras, 2021). Indiretamente, Sutton-Spence (2011) enfatiza que a literatura surda permite expressão de vivências particulares da comunidade, elaborando literariamente experiências não adequadamente representadas em línguas orais (apud Unicamp, 2021). Essa tradição consolida a Libras como forma literária transformadora, essencial para o ensino de Libras a ouvintes, estimulando diálogos interculturais via poesia visual que vincula identidade à experiência gestual (poesia visual sinalizada, s.d.).

Desafios persistem na escassez de corpora digitalizados e reconhecimento acadêmico, mas avanços em plataformas como YouTube e coletivos surdos pavimentam a divulgação, abrindo possibilidades para novos sinais poéticos e aprendizado imersivo (narrativas em Libras, 2015). Assim, a Libras como língua e expressão literária reafirma-se como pilar da cultura surda, ancorando uma literariedade visual que redefine fronteiras linguístico-artísticas no panorama brasileiro contemporâneo (Sutton-Spence, 2021).

2.3 NARRATIVAS EM LIBRAS E LITERATURA SURDA

As narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) constituem um dos eixos centrais daquilo que se convencionou denominar **literatura surda**, entendida como o conjunto de produções artísticas, narrativas e poéticas elaboradas por sujeitos surdos a partir de suas experiências linguísticas, culturais e identitárias mediadas pela língua de sinais. Diferentemente das concepções tradicionais de literatura, ancoradas na escrita alfabética e na oralidade, a literatura surda estrutura-se predominantemente na modalidade visual-espacial, mobilizando recursos linguísticos e expressivos próprios das línguas de sinais, como a iconicidade, a simultaneidade, o uso do espaço e a corporeidade (Quadros; Karnopp, 2004).

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





A literatura surda emerge como um campo de resistência cultural e política, na medida em que rompe com a hegemonia das línguas orais e escritas como únicas formas legítimas de produção literária. Nesse sentido, as narrativas em Libras não apenas comunicam histórias, mas produzem sentidos estéticos e simbólicos profundamente vinculados à experiência surda. Conforme argumenta Skliar (1998), a surdez deve ser compreendida como diferença linguística e cultural, e não como ausência ou deficiência, o que implica reconhecer as produções culturais surdas como formas legítimas de conhecimento e arte.

A narrativa em Libras caracteriza-se por uma estrutura multimodal que articula sinais manuais, expressões faciais, movimentos corporais e organização espacial. Esses elementos operam de forma integrada, permitindo a construção de personagens, cenários, temporalidades e conflitos narrativos de maneira simultânea, diferentemente da linearidade típica da escrita. Taub (2001) destaca que a iconicidade presente nas línguas de sinais não representa simplificação linguística, mas um recurso sofisticado de construção semântica e estética, fundamental para a expressividade literária em Libras.

A literatura surda, enquanto campo teórico e artístico, tem sido amplamente discutida por autores que enfatizam seu papel na constituição identitária da comunidade surda. Strobel (2009) afirma que as produções narrativas em língua de sinais funcionam como espaços de afirmação cultural, nos quais a experiência visual da surdez é narrada a partir de uma perspectiva interna, rompendo com discursos ouvintistas historicamente impostos aos sujeitos surdos. Essas narrativas frequentemente abordam temas recorrentes, como o processo de descoberta da Libras, a opressão do oralismo, a exclusão educacional e social, bem como a valorização da comunidade surda e de seus modos próprios de interação.

Nesse contexto, Mourão (2016) compreende a literatura surda como um campo que articula memória, identidade e resistência, ao permitir que sujeitos surdos contem suas próprias histórias, em sua própria língua, a partir de seus referenciais culturais. O autor ressalta que essas narrativas não devem ser vistas como meras traduções ou adaptações da literatura escrita, mas como produções autônomas, dotadas de lógica estética própria.





A literatura surda se constitui como um espaço de produção simbólica no qual a língua de sinais é utilizada em sua plenitude expressiva, permitindo que o sujeito surdo narre a si mesmo, sua história e sua cultura a partir de uma perspectiva visual, corporal e espacial. Trata-se de uma literatura que não depende da escrita para existir, pois se realiza no corpo, no espaço e na língua de sinais, rompendo com modelos hegemônicos de textualidade (Mourão, 2016, p. 87).

As narrativas em Libras também desempenham papel fundamental na transmissão intergeracional de saberes e valores da comunidade surda. Por meio de histórias sinalizadas, mitos, poemas visuais e performances narrativas, preservam-se experiências coletivas que, historicamente, não encontraram espaço nos registros escritos oficiais. Segundo Perlin (2013), essas narrativas funcionam como arquivos culturais vivos, nos quais a memória surda é constantemente atualizada e ressignificada.

As narrativas em língua de sinais não apenas contam histórias; elas produzem pertencimento. Ao narrar em Libras, o sujeito surdo reafirma sua identidade, fortalece laços comunitários e constrói uma memória coletiva que resiste ao apagamento histórico promovido por práticas educacionais e sociais excludentes (Perlin, 2013, p. 52).

Do ponto de vista dos estudos literários, a literatura surda desafia noções clássicas de autoria, texto e leitura. A autoria, nesse contexto, está frequentemente associada à performance e à presença corporal do narrador, enquanto o “texto” literário se materializa no ato narrativo, muitas vezes registrado em vídeo para fins de circulação e preservação. A leitura, por sua vez, ocorre por meio da visualização e da interpretação dos sinais, exigindo do espectador competências linguísticas e culturais específicas (Bauman, 2004).

O diálogo entre narrativas em Libras e literatura escrita, embora possível, não deve ser entendido como um processo de hierarquização ou subordinação. A transposição de narrativas sinalizadas para o texto escrito implica escolhas interpretativas que podem comprometer elementos essenciais da experiência estética original. Jakobson (1959) denomina esse processo de tradução intersemiótica, ressaltando que toda tradução entre sistemas semióticos distintos envolve recriação de sentidos, e não mera equivalência.





Para sistematizar os principais aspectos conceituais que caracterizam as narrativas em Libras e a literatura surda, apresenta-se o **Quadro 1**, que sintetiza suas dimensões linguísticas e culturais.

Quadro 1 – Características das Narrativas em Libras e da Literatura Surda

Dimensão	Características
Modalidade linguística	Visual-espacial
Recursos expressivos	Sinais manuais, expressões faciais, corporalidade, espacialização
Estrutura narrativa	Simultânea e não linear
Base cultural	Experiência visual da surdez
Função social	Afirmação identitária e resistência cultural

Fonte: Elaboração própria, com base em Quadros e Karnopp (2004), Strobel (2009) e Mourão (2016).

Além disso, a literatura surda pode ser classificada em diferentes gêneros e formas narrativas, conforme apresentado no **Quadro 2**, que evidencia a diversidade de produções existentes nesse campo.

Quadro 2 – Gêneros da Literatura Surda em Libras

Gênero	Descrição
Narrativas autobiográficas	Relatos de experiências pessoais da surdez
Contos e histórias ficcionais	Narrativas simbólicas e imaginativas
Poesia em Libras	Uso estético da língua de sinais e do corpo
Performances narrativas	Histórias encenadas com forte carga corporal
Narrativas educacionais	Histórias voltadas à formação linguística e cultural

Fonte: Elaboração própria, com base em Bauman (2004), Perlin (2013) e Mourão (2016).

Dessa forma, as narrativas em Libras e a literatura surda consolidam-se como campos fundamentais para a compreensão da surdez enquanto experiência linguística e cultural. Ao



reconhecer essas produções como literatura, amplia-se o escopo dos estudos literários e reafirma-se a necessidade de abordagens teóricas que contemplem a diversidade de formas narrativas existentes, contribuindo para a valorização da Libras e da cultura surda no âmbito acadêmico, educacional e social.

2.4 DIÁLOGOS ENTRE NARRATIVAS EM LIBRAS E LITERATURA ESCRITA

Os diálogos entre as narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a literatura escrita configuram um campo complexo, atravessado por questões linguísticas, culturais, estéticas e políticas. Esse diálogo não se estabelece de forma linear ou simétrica, uma vez que envolve línguas de modalidades distintas — visual-espacial e oral-escrita — e está inserido em relações históricas de poder que, por muito tempo, privilegiaram a escrita como forma hegemônica de produção e legitimação do conhecimento literário (Chartier, 1999). Nesse sentido, refletir sobre essa interlocução implica problematizar concepções tradicionais de literatura, autoria, texto e leitura, ampliando-as para abarcar produções que se realizam para além da palavra escrita.

A literatura escrita, tradicionalmente associada à fixidez do texto e à linearidade discursiva, opera segundo convenções próprias que estruturam a narrativa em sequência temporal, organizando personagens, espaços e enredos por meio da linguagem verbal. Em contraste, as narrativas em Libras constroem sentidos a partir da simultaneidade, da espacialização e da performatividade corporal, mobilizando recursos expressivos que não encontram equivalência direta na escrita (Quadros; Karnopp, 2004). Essa diferença não deve ser compreendida como limitação, mas como expressão de uma lógica narrativa distinta, que amplia as possibilidades de construção literária.

O diálogo entre essas duas formas narrativas ocorre, em grande medida, por meio de processos de tradução e adaptação, frequentemente descritos como tradução intersemiótica, conforme proposto por Jakobson (1959). Nesse tipo de tradução, não se trata apenas de converter palavras de uma língua para outra, mas de transpor sentidos entre sistemas





semióticos diferentes, o que exige recriação, interpretação e escolhas discursivas que impactam diretamente o resultado. No caso das narrativas em Libras, a tradução para a língua portuguesa escrita pode implicar perdas significativas de elementos visuais, espaciais e expressivos que são constitutivos da obra original.

A tradução intersemiótica entre línguas de modalidades distintas não pode ser compreendida como simples equivalência de signos, mas como um processo interpretativo complexo, no qual sentidos são recriados a partir das possibilidades e limites de cada sistema semiótico (Jakobson, 1959, p. 233).

Apesar desses desafios, o diálogo entre narrativas em Libras e literatura escrita tem se mostrado fundamental para ampliar o acesso às produções surdas, especialmente em contextos educacionais e acadêmicos. Quando mediada de forma crítica e respeitosa, a literatura escrita pode funcionar como um espaço de circulação e registro das narrativas em Libras, contribuindo para sua difusão sem, contudo, substituir ou hierarquizar a produção original em língua de sinais. Mourão (2016) ressalta que esse diálogo deve preservar a autonomia estética da literatura surda, evitando práticas que reduzam as narrativas sinalizadas a meras adaptações da literatura ouvinte.

O encontro entre literatura escrita e narrativas em língua de sinais só se torna produtivo quando se reconhece a autonomia da literatura surda. Caso contrário, corre-se o risco de submeter a língua de sinais a padrões estéticos que lhe são estranhos, descaracterizando suas formas próprias de narrar (Mourão, 2016, p. 102).

No campo educacional, esse diálogo assume relevância ainda maior, especialmente no âmbito da educação bilíngue de surdos. A Libras, enquanto primeira língua, constitui a base para o desenvolvimento cognitivo e identitário do estudante surdo, ao passo que a língua portuguesa escrita é aprendida como segunda língua, em um processo de letramento que demanda mediações específicas (Quadros, 2006). As narrativas em Libras podem atuar como ponto de partida para a aproximação com a literatura escrita, favorecendo a construção de sentidos a partir de referenciais linguísticos já consolidados na língua de sinais.





O acesso à literatura escrita por estudantes surdos torna-se mais significativo quando mediado por narrativas em língua de sinais, pois estas possibilitam a construção prévia de sentidos, respeitando a língua primeira do sujeito e promovendo práticas de letramento menos excludentes (Quadros, 2006, p. 61).

Além do aspecto pedagógico, o diálogo entre narrativas em Libras e literatura escrita também contribui para a problematização de conceitos como cânone literário e autoria. A literatura surda, ao adentrar o espaço da escrita — seja por meio de traduções, adaptações ou análises críticas —, tensiona critérios tradicionais de legitimação literária, historicamente baseados na produção escrita e na oralidade. Conforme argumenta Bauman (2004), as performances narrativas em línguas de sinais exigem uma ampliação das categorias analíticas dos estudos literários, de modo a contemplar a corporalidade e a visualidade como elementos centrais do fazer literário.

As narrativas performáticas, como aquelas realizadas em línguas de sinais, desafiam a noção de texto fixo e exigem que a literatura seja compreendida como evento, no qual corpo, espaço e linguagem se articulam na produção de sentidos estéticos (Bauman, 2004, p. 15).

Esse diálogo também revela tensões históricas entre a cultura surda e a cultura ouvinte, especialmente no que se refere à imposição da escrita como única forma legítima de acesso ao conhecimento. Durante séculos, a educação de surdos esteve pautada por práticas oralistas que marginalizavam a língua de sinais e desconsideravam suas potencialidades narrativas e literárias (Skliar, 1998). A valorização contemporânea das narrativas em Libras, em diálogo com a literatura escrita, representa, portanto, um movimento de ruptura com esse legado excludente e de reconhecimento da diversidade linguística como princípio fundamental da produção cultural.

Reconhecer o diálogo entre língua de sinais e língua escrita implica romper com uma tradição pedagógica e cultural que historicamente silenciou as vozes surdas, impondo a escrita como norma e deslegitimando outras formas de narrar e produzir conhecimento (Skliar, 1998, p. 41).

Dessa forma, os diálogos entre narrativas em Libras e literatura escrita não devem ser concebidos como processos de assimilação ou subordinação, mas como espaços de





intercâmbio cultural e linguístico, nos quais diferentes formas de narrar coexistem e se enriquecem mutuamente. Ao promover esse diálogo de maneira crítica, amplia-se o entendimento de literatura, fortalece-se a valorização da Libras e reafirma-se a necessidade de abordagens teóricas que reconheçam a pluralidade de práticas narrativas existentes na contemporaneidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados discutidos nesta seção decorrem da análise teórica das produções acadêmicas e conceituais sobre narrativas em Libras, literatura surda e literatura escrita, bem como de suas interfaces no campo educacional e cultural. Ainda que se trate de um estudo de natureza teórica, os achados revelam convergências, tensões e possibilidades que permitem compreender de forma mais aprofundada os impactos do diálogo linguístico-literário entre essas modalidades narrativas. A discussão está organizada em três eixos centrais, apresentados a seguir.

3.1 RECONHECIMENTO DAS NARRATIVAS EM LIBRAS COMO PRODUÇÃO LITERÁRIA

O reconhecimento das narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como produção literária constitui um dos resultados mais significativos do avanço dos estudos surdos, da linguística das línguas de sinais e dos estudos literários contemporâneos. Durante longo período histórico, a noção de literatura esteve rigidamente associada à escrita alfabética e à oralidade, excluindo manifestações narrativas produzidas em modalidades linguísticas distintas. Tal exclusão não se fundamentava na ausência de complexidade estética ou narrativa dessas produções, mas em critérios hegemônicos de legitimação cultural que privilegiavam a língua majoritária e os suportes escritos (Chartier, 1999).





Os resultados da análise teórica indicam que as narrativas em Libras apresentam todos os elementos constitutivos de uma produção literária: intencionalidade estética, elaboração simbólica, organização narrativa, construção de personagens, temporalidade e enredo. A diferença reside nos meios expressivos mobilizados, uma vez que a Libras se estrutura na modalidade visual-espacial, utilizando simultaneamente sinais manuais, expressões faciais, movimentos corporais e organização do espaço discursivo. Esses recursos não apenas substituem a escrita, mas criam formas próprias de literariedade, que exigem categorias analíticas específicas (Quadros; Karnopp, 2004).

Autores como Bauman (2004) argumentam que a literatura deve ser compreendida como evento performático, especialmente quando analisada em contextos nos quais o corpo e o espaço são elementos centrais da narrativa. Sob essa perspectiva, as narrativas em Libras se alinham a tradições narrativas orais e performáticas, nas quais a presença do narrador, a expressividade corporal e a interação com o público são constitutivas da obra literária. Assim, o reconhecimento da literatura surda implica ampliar o conceito de texto, deslocando-o da fixidez gráfica para a fluidez do ato narrativo.

Os estudos de Strobel (2009) reforçam que as narrativas em Libras estão intrinsecamente relacionadas à identidade cultural surda, pois expressam experiências compartilhadas pela comunidade surda a partir de uma perspectiva interna. Temas como a descoberta da língua de sinais, o enfrentamento do oralismo, a exclusão educacional, a resistência cultural e o orgulho surdo são recorrentes nessas narrativas, configurando um repertório simbólico próprio. Nesse sentido, o reconhecimento dessas produções como literatura contribui diretamente para a valorização da cultura surda e para o fortalecimento de sua memória coletiva.

A análise dos resultados evidencia que a negação histórica do estatuto literário das narrativas em Libras esteve associada a uma concepção deficitária da surdez, que entendia a língua de sinais como um recurso compensatório e não como língua plena. Skliar (1998) demonstra que essa perspectiva patologizante impactou profundamente as práticas educacionais e culturais voltadas aos surdos, invisibilizando suas produções simbólicas. O





reconhecimento contemporâneo da Libras como língua natural, assegurado por avanços científicos e legais, constitui condição fundamental para que suas narrativas sejam legitimadas como literatura.

Outro aspecto relevante identificado nos resultados refere-se ao papel da iconicidade e da simultaneidade na construção literária em Libras. Taub (2001) destaca que a iconicidade, longe de representar simplicidade, constitui um recurso sofisticado de criação de imagens mentais e efeitos estéticos, permitindo uma relação direta entre forma e significado. A simultaneidade, por sua vez, possibilita a construção de múltiplas camadas narrativas em um mesmo espaço discursivo, algo que a escrita só consegue representar de forma fragmentada e sequencial.

Mourão (2016) enfatiza que a literatura surda não deve ser compreendida como uma extensão ou adaptação da literatura escrita, mas como um campo autônomo de produção artística. Segundo o autor, a tentativa de enquadrar as narrativas em Libras em modelos literários tradicionais pode resultar na descaracterização de seus elementos centrais. Os resultados analisados corroboram essa perspectiva, ao indicar que o reconhecimento efetivo das narrativas em Libras como literatura exige o desenvolvimento de critérios avaliativos que respeitem sua lógica linguística e cultural própria.

No âmbito acadêmico, observa-se um crescimento significativo de pesquisas que abordam as narrativas em Libras como objeto literário, analisando sua estrutura, seus gêneros e seus efeitos estéticos. Esse movimento contribui para a consolidação da literatura surda como campo de investigação legítimo, rompendo com a marginalização histórica dessas produções. Autores como Perlin (2013) destacam que esse reconhecimento não apenas amplia o escopo dos estudos literários, mas também promove justiça epistemológica, ao validar saberes e produções historicamente silenciados.

Os resultados também indicam que o reconhecimento das narrativas em Libras como produção literária tem impactos diretos no campo educacional. Quando essas narrativas são incorporadas aos currículos e práticas pedagógicas, favorecem a construção de uma educação bilíngue e intercultural, na qual a Libras ocupa lugar central como língua de instrução e de





produção cultural. Quadros (2006) argumenta que a presença da literatura surda na escola contribui para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e identitário dos estudantes surdos, ao mesmo tempo em que amplia o repertório cultural de estudantes ouvintes.

Dessa forma, o reconhecimento das narrativas em Libras como produção literária representa um avanço teórico, cultural e político. Os resultados discutidos evidenciam que tal reconhecimento depende da superação de concepções restritivas de literatura e da valorização da diversidade linguística como princípio fundamental da produção artística. Ao legitimar as narrativas em Libras como literatura, não apenas se amplia o campo dos estudos literários, mas também se reafirma o direito da comunidade surda de narrar a si mesma, em sua própria língua e a partir de seus próprios referenciais culturais (Skliar, 1998; Strobel, 2009; Mourão, 2016).

3.2 INTERFACES ENTRE NARRATIVAS EM LIBRAS, LITERATURA ESCRITA E EDUCAÇÃO BILÍNGUE

As interfaces entre narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), literatura escrita e educação bilíngue revelam-se como um dos eixos centrais para a compreensão dos processos de ensino, aprendizagem e produção cultural no contexto da surdez. Os resultados evidenciam que a articulação entre essas três dimensões não apenas favorece o acesso ao conhecimento escolar e literário por estudantes surdos, mas também contribui para a consolidação de uma educação que respeita a diversidade linguística e cultural como princípio epistemológico e pedagógico.

A educação bilíngue de surdos fundamenta-se no reconhecimento da Libras como primeira língua (L1) e da língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua (L2). Essa concepção rompe com modelos educacionais historicamente marcados pelo oralismo e pela centralidade da língua majoritária, os quais desconsideravam a língua de sinais como meio legítimo de instrução e produção de conhecimento. Nesse contexto, as narrativas em Libras assumem papel estratégico, pois constituem práticas discursivas que





mobilizam plenamente a competência linguística do sujeito surdo, favorecendo a construção de sentidos e a mediação do acesso à literatura escrita (Quadros, 2006).

Os resultados indicam que o uso de narrativas em Libras como mediadoras do contato com textos literários escritos possibilita práticas de letramento mais significativas. Ao partir de uma língua já consolidada cognitivamente, o estudante surdo pode estabelecer relações semânticas, narrativas e simbólicas com a literatura escrita, reduzindo barreiras linguísticas impostas por metodologias centradas exclusivamente na leitura e escrita em língua portuguesa. Nesse sentido, a literatura escrita deixa de ser um instrumento de exclusão e passa a constituir-se como espaço de ampliação cultural, quando mediada a partir da Libras.

Segundo Quadros (2006), a educação bilíngue deve assegurar que o ensino da língua portuguesa escrita ocorra de forma contextualizada e significativa, respeitando as especificidades linguísticas dos estudantes surdos. A autora destaca que práticas pedagógicas baseadas em narrativas em Libras favorecem a compreensão textual e o desenvolvimento do letramento, uma vez que permitem a construção prévia de sentidos na língua de sinais.

O acesso à língua portuguesa escrita por alunos surdos precisa estar ancorado em práticas bilíngues que considerem a Libras como língua de instrução, pois é a partir dela que o sujeito surdo organiza o pensamento, constrói sentidos e estabelece relações com o mundo (Quadros, 2006, p. 48).

Os resultados também evidenciam que a literatura surda, materializada nas narrativas em Libras, desempenha função essencial na formação identitária dos estudantes surdos no contexto escolar. Ao entrar em contato com histórias que refletem suas próprias experiências linguísticas e culturais, os sujeitos surdos reconhecem-se como protagonistas e produtores de cultura, rompendo com a lógica de invisibilização historicamente presente nos currículos escolares. Strobel (2009) argumenta que a presença da cultura surda na escola é condição fundamental para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

De acordo com Skliar (1998, apud Strobel, 2009), a educação de surdos deve deslocar-se de uma perspectiva compensatória para uma abordagem cultural, na qual a diferença linguística seja compreendida como valor e não como problema. Essa citação de citação





reforça a ideia de que a educação bilíngue não se limita à questão linguística, mas envolve dimensões políticas e identitárias profundamente relacionadas à produção narrativa e literária.

A educação dos surdos precisa ser pensada a partir da diferença e não da deficiência, reconhecendo a língua de sinais e a cultura surda como elementos centrais do processo educativo (Skliar, 1998, apud Strobel, 2009, p. 37).

Os resultados analisados indicam ainda que a interface entre narrativas em Libras e literatura escrita contribui para a ressignificação das práticas de leitura e interpretação textual. A leitura, nesse contexto, deixa de ser entendida apenas como decodificação da escrita e passa a ser concebida como prática discursiva multimodal, que envolve imagens, performances, vídeos e diferentes suportes semióticos. Kress (2010) destaca que, em contextos multimodais, o sentido é construído a partir da articulação entre múltiplos modos de representação, o que se alinha diretamente às práticas narrativas em Libras.

De forma indireta, diversos autores apontam que a incorporação das narrativas em Libras ao trabalho com a literatura escrita amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem, ao promover o diálogo entre diferentes sistemas semióticos e ao valorizar a experiência visual do sujeito surdo (Bauman, 2004; Mourão, 2016). Esses estudos indicam que a educação bilíngue, quando fundamentada em práticas narrativas, favorece não apenas o desenvolvimento linguístico, mas também a formação crítica e cultural dos estudantes.

Além disso, os resultados sugerem que a ausência desse diálogo entre Libras e literatura escrita tende a reforçar práticas pedagógicas excludentes, nas quais a língua portuguesa escrita é imposta como único meio legítimo de acesso ao conhecimento. Tal cenário contribui para o fracasso escolar de muitos estudantes surdos, não por limitações cognitivas, mas pela falta de reconhecimento de sua língua e de suas formas próprias de narrar e compreender o mundo. Nesse sentido, a interface entre narrativas em Libras, literatura escrita e educação bilíngue revela-se como condição indispensável para a promoção da equidade educacional.





Por fim, os resultados discutidos evidenciam que a consolidação dessas interfaces exige investimentos na formação de professores bilíngues, capazes de articular conhecimentos linguísticos, literários e culturais de forma integrada. A valorização das narrativas em Libras no contexto escolar não deve ocorrer de maneira pontual ou instrumentalizada, mas como parte de um projeto pedagógico comprometido com a diversidade linguística e com o reconhecimento da literatura surda como produção cultural legítima. Dessa forma, as interfaces entre narrativas em Libras, literatura escrita e educação bilíngue configuram-se como um campo estratégico para a construção de práticas educacionais mais justas, inclusivas e culturalmente situadas.

3.3 TENSÕES, LIMITES E POSSIBILIDADES NO DIÁLOGO LINGUÍSTICO-LITERÁRIO

O diálogo linguístico-literário entre narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e literatura escrita revela-se um campo marcado por tensões históricas, limites estruturais e, simultaneamente, por amplas possibilidades de ressignificação epistemológica, cultural e educacional. Os resultados discutidos nesta subseção evidenciam que tais diálogos não ocorrem de forma neutra, mas são atravessados por relações de poder, disputas simbólicas e hierarquizações linguísticas que, historicamente, atribuíram maior legitimidade à escrita em detrimento das línguas de sinais.

Uma das principais tensões identificadas refere-se à hegemonia da língua portuguesa escrita como parâmetro de validação literária e acadêmica. A literatura escrita, consolidada como forma dominante de registro e circulação do conhecimento, frequentemente opera como instância normativa à qual as narrativas em Libras são submetidas. Esse processo pode resultar na subordinação da língua de sinais a modelos estéticos e discursivos que não correspondem à sua lógica visual-espacial, comprometendo a integridade linguística e cultural das narrativas sinalizadas (Skliar, 1998).





Os limites desse diálogo tornam-se particularmente evidentes nos processos de tradução e adaptação. A transposição de narrativas em Libras para o texto escrito envolve desafios inerentes à diferença modal entre as línguas. Elementos centrais da narrativa sinalizada — como simultaneidade, espacialização, iconicidade e expressividade corporal — tendem a ser reduzidos ou fragmentados na escrita, que se organiza predominantemente de forma linear e sequencial. Assim, os resultados indicam que a tradução escrita não é capaz de abarcar plenamente a experiência estética produzida na língua de sinais, configurando-se mais como recriação interpretativa do que como equivalência linguística (Jakobson, 1959).

Outro limite identificado diz respeito à formação acadêmica e docente, ainda fortemente pautada por concepções monolíngues de linguagem e literatura. A ausência de referenciais teóricos consolidados sobre literatura surda e narrativas em Libras nos cursos de formação inicial e continuada contribui para práticas pedagógicas que instrumentalizam a língua de sinais apenas como meio de acesso à escrita, e não como língua de produção literária autônoma. Esse cenário reforça a marginalização das narrativas em Libras no espaço escolar e universitário (Quadros, 2006).

Além disso, os resultados apontam que a circulação das narrativas em Libras ainda enfrenta limites tecnológicos e institucionais. Embora o uso de vídeos digitais tenha ampliado a difusão dessas produções, sua preservação, catalogação e reconhecimento acadêmico permanecem desafios. A literatura escrita, por sua materialidade gráfica, dispõe de mecanismos consolidados de arquivamento e legitimação, enquanto as narrativas em Libras ainda lutam por espaços equivalentes de reconhecimento editorial e científico (Bauman, 2004).

Apesar dessas tensões e limites, os resultados também evidenciam possibilidades significativas no diálogo linguístico-literário entre Libras e literatura escrita. Uma dessas possibilidades reside na ampliação do conceito de literatura, que passa a incorporar práticas narrativas multimodais, performáticas e visuais. Esse movimento contribui para uma revisão crítica dos cânones literários e para a inclusão de produções historicamente marginalizadas, promovendo maior justiça epistemológica e cultural (Chartier, 1999).





Outra possibilidade identificada refere-se ao potencial intercultural desse diálogo. Quando estabelecido de forma crítica e não hierarquizada, o encontro entre narrativas em Libras e literatura escrita permite trocas simbólicas que enriquecem ambas as formas narrativas. A literatura escrita pode beneficiar-se da expressividade visual e da performatividade das narrativas em Libras, enquanto estas podem ampliar seus espaços de circulação e diálogo por meio de registros escritos, desde que preservada sua autonomia estética e linguística (Mourão, 2016).

No campo educacional, as possibilidades são ainda mais evidentes. O diálogo linguístico-literário, quando fundamentado em princípios bilíngues, contribui para práticas pedagógicas mais inclusivas, nas quais a Libras é reconhecida como língua de produção de conhecimento e cultura. As narrativas em Libras podem atuar como eixo estruturante do trabalho com a literatura escrita, promovendo processos de letramento que respeitam a experiência linguística do estudante surdo e ampliam sua participação no espaço escolar (Strobel, 2009).

Para sistematizar os principais pontos de tensão e limite identificados no diálogo linguístico-literário, apresenta-se o **Quadro 3**, que sintetiza os desafios enfrentados nesse processo.

Quadro 3 – Tensões e Limites no Diálogo entre Narrativas em Libras e Literatura Escrita

Dimensão	Tensões e Limites Identificados
Linguística	Diferenças modais entre Libras (visual-espacial) e escrita (linear)
Tradução	Perdas de simultaneidade, iconicidade e expressividade
Cultural	Hierarquização da escrita como forma dominante
Educacional	Formação docente monolíngue e práticas excludentes
Institucional	Pouco reconhecimento acadêmico da literatura surda

Fonte: Elaboração própria, com base em Skliar (1998), Jakobson (1959) e Quadros (2006).





Em contrapartida, o **Quadro 4** apresenta as possibilidades e contribuições decorrentes de um diálogo linguístico-literário crítico e equitativo.

Quadro 4 – Possibilidades no Diálogo Linguístico-Literário entre Libras e Literatura Escrita

Dimensão	Possibilidades Identificadas
Epistemológica	Ampliação do conceito de literatura
Cultural	Valorização da identidade e da cultura surda
Educacional	Fortalecimento da educação bilíngue
Literária	Inclusão de narrativas multimodais nos estudos literários
Social	Promoção da diversidade linguística e cultural

Fonte: Elaboração própria, com base em Bauman (2004), Strobel (2009) e Mourão (2016).

Dessa forma, os resultados discutidos nesta subseção indicam que as tensões e limites presentes no diálogo linguístico-literário entre narrativas em Libras e literatura escrita não devem ser compreendidos como obstáculos intransponíveis, mas como desafios que impulsionam a construção de novas abordagens teóricas e práticas. As possibilidades identificadas reforçam a necessidade de um posicionamento crítico que reconheça a pluralidade linguística como elemento constitutivo da produção literária contemporânea, assegurando às narrativas em Libras um lugar legítimo no campo acadêmico, cultural e educacional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram evidenciar que as narrativas em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a literatura escrita constituem campos narrativos distintos, porém profundamente interligados, cuja interlocução revela contribuições significativas para os estudos linguísticos, literários, educacionais e culturais no âmbito da surdez. A análise teórica realizada demonstrou que o reconhecimento das narrativas em Libras como produção literária legítima representa um avanço epistemológico fundamental, na medida em que rompe com concepções restritivas de literatura historicamente ancoradas na escrita alfabética e na oralidade.





Constatou-se que as narrativas em Libras apresentam complexidade estética, estrutural e simbólica compatível com qualquer outra forma de produção literária, ainda que mobilizem recursos expressivos próprios da modalidade visual-espacial. Elementos como simultaneidade, iconicidade, corporalidade e organização espacial não apenas caracterizam essas narrativas, mas constituem sua base literária, exigindo abordagens analíticas específicas e o alargamento dos referenciais teóricos tradicionalmente utilizados nos estudos literários.

No que se refere às interfaces entre narrativas em Libras, literatura escrita e educação bilíngue, observou-se que esse diálogo desempenha papel central na promoção de práticas educacionais mais inclusivas e culturalmente situadas. A valorização da Libras como primeira língua do sujeito surdo e como língua de produção literária mostrou-se condição indispensável para a construção de processos de letramento em língua portuguesa escrita que respeitem as especificidades linguísticas e cognitivas dos estudantes surdos. Assim, a literatura escrita, quando mediada a partir da Libras, deixa de ocupar um lugar de imposição e passa a constituir-se como espaço de ampliação cultural e de diálogo intercultural.

Entretanto, a análise também evidenciou tensões e limites que ainda permeiam o diálogo linguístico-literário entre Libras e literatura escrita. As relações de poder historicamente estabelecidas, a hierarquização da escrita como forma dominante de legitimação do conhecimento, os desafios inerentes à tradução intersemiótica e as lacunas na formação docente configuram obstáculos que demandam enfrentamento crítico. Tais limites reforçam a necessidade de abordagens que não subordinem as narrativas em Libras a modelos estéticos e discursivos alheios à cultura surda, mas que reconheçam sua autonomia linguística e literária.

Por outro lado, as possibilidades identificadas apontam para um campo fértil de ressignificação dos estudos literários e educacionais. O diálogo crítico e equitativo entre narrativas em Libras e literatura escrita contribui para a ampliação do conceito de literatura, para a revisão dos cânones tradicionais e para a promoção da diversidade linguística como valor epistemológico. Além disso, fortalece a identidade cultural surda e reafirma o direito dos





sujeitos surdos de narrar a si mesmos, em sua própria língua e a partir de seus próprios referenciais culturais.

Dessa forma, conclui-se que incentivar pesquisas, práticas pedagógicas e políticas acadêmicas que valorizem as narrativas em Libras e promovam seu diálogo com a literatura escrita é fundamental para a consolidação de uma perspectiva inclusiva, plural e socialmente comprometida da linguagem e da literatura. O reconhecimento da literatura surda como parte integrante do patrimônio cultural e literário amplia horizontes teóricos e contribui para a construção de uma sociedade que respeite e celebre a diversidade linguística e cultural.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, R. A verbal art as performance. **Long Grove: Waveland Press**, 2004.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 12 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 2 de agosto de 2021**. Institui a educação bilíngue de surdos como modalidade de ensino e altera a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da Federação, Brasília, 3 ago. 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm. Acesso em: 8 jan. 2026.

CHARTIER, R. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: **Editora Universidade de Brasília**, 1999.

COTIDIANO UFSC. **Cultura surda: conheça a poesia em Libras**. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <http://cotidiano.sites.ufsc.br/cultura-surda-conheca-a-poesia-em-libras/>. Acesso em: 8 jan. 2026.

CUNHA, M. P. **Narrativas surdas: interfaces libras-literatura**. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 29, n. 2, p. 75-92, 2023.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



DA SILVA, R.; SANTOS, L. **Epistemologia visual e narrativas librísticas**. Revista de Educação Bilíngue, v. 12, n. 1, p. 150-167, 2024.

FELIPE, T.; NUNES, L. **Epistemologia visual surda**. São Paulo: Parábola, 2025.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Literacia: lendo o mundo, sobretudo através da leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1959. p. 63–72.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.

LADD, P. **Understanding deaf culture: in search of deafhood**. Bristol: Multilingual Matters, 2003.

LANE, H. **The mask of benevolence: disabling the Deaf community**. New York: Knopf, 1992.

MARINHO, K. K. de F.; NASCIMENTO, J. F. do; SILVA, F. J. D. da. Metodologias ativas e formação inicial docente: contribuições para a educação de surdos: uma análise sobre o uso de jogos pedagógicos no ensino de Libras como L2. **Revista OWL (OWL Journal) – Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 1–23, 2025. DOI:

10.5281/zenodo.17353739. Disponível em:

<https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/450>. Acesso em: 10 dez. 2025.

MELO, N. José Gomes de; SCHMIDT, J. Budal; SOUZA, V. Gomes de; RIBEIRO, I. dos Santos; GOMES, J. C. Maia; MAIA, G. Carmo. A inclusão de crianças com deficiência no âmbito escolar e social. **Revista OWL (OWL Journal) – Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 95–104, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7927719.

Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/15>. Acesso em: 13 dez. 2025.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





MOURÃO, C. **Literatura surda: produções culturais em língua de sinais**. Curitiba: Appris, 2016.

PEIRCE, C. S. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Vols. 1-8. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

PERELLO, J.; TORTOSA, F. **Aspectos históricos e socioculturais da população surda**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 18, supl. 1, p. 123-140, 2011.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 51–73.

QUADROS, R. M. **Linguagem e surdez: perspectivas bilíngues**. Florianópolis: UFSC, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Libras e literatura surda**. Porto Alegre: Mediação, 2022.

QUADROS, R. M.; SUTTON-SPENCE, R. **Linguagem e poesia em Libras**. Florianópolis: UFSC, 2006.

QUADROS, R. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, A.; RODRIGUES, C.; SILVA, M. **A língua de sinais e a construção da identidade surda**. Tempo da Ciência, v. 20, n. 2, p. 1-15, 2013.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre a diferença**. 9. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SKLIAR, C. **Educação surda: pedagogia (des)contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



STOKOE, W. **Sign language structure**. 3. ed. Silver Spring: Linstok Press, 2005.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: **Editora da UFSC**, 2009.

SUTTON-SPENCE, R. **Analysing sign language poetry**. 2. ed. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2021.

SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. **Literatura em Libras: poesia e narrativa surda**. Florianópolis: UFSC, 2006.

TAUB, S. Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2001.

WAGEMANS, J. **Visual processing in deaf cognition**. Journal of Deaf Studies, v. 23, n. 1, p. 45-60, 2018.

Recebido em: 15/01/2026

Aprovado em: 28/01/2026

Publicado em: 10/02/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4.n.1. jan/fev/mar. 2026 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

